

## ACTO 1

### Cena 1

*Entram o jovem Beltrão, Conde do Rossilhão, a mãe deste (a Condessa), Helena e Lafeu, todos de luto*

CONDESSA Com este delivramento do meu filho, enterro um segundo marido.

BELTRÃO E, ao ir-me daqui, senhora, choro de novo a morte de meu pai; mas tenho de obedecer à ordem de Sua Majestade, de quem estou agora à guarda e em submissão para sempre.

LAFEU Vós, senhora, achareis um marido no rei; vós, senhor, um pai. Ele, que é sempre tão bom para todos, há-de por força manter essa virtude em relação a vós, cujo mérito a despertaria onde fosse necessária, sem sentir a falta <sup>10</sup> dela onde a há em tanta abundância.

CONDESSA Que esperanças há de Sua Majestade melhorar?

LAFEU Deixou-se dos físicos, senhora. Com os seus tratamentos ele assediou o tempo com esperança e não vê qualquer vantagem nesse processo a não ser a perda de esperança com o tempo.

CONDESSA Esta jovem dama tinha um pai — oh, como é triste este «tinha» — cujo saber era quase tão grande como a sua honestidade; se esse talento lhe tivesse sido igual, teria tornado a natureza imortal, e a morte seria forçada a ir brincar por falta de trabalho. Pelo rei, quem me dera que ele estivesse vivo! Acho que seria a morte da doença do rei. 20

LAFEU Como se chamava o homem de quem falais, senhora?

CONDESSA Tinha fama, senhor, na sua profissão, e era famoso com justiça: Gerardo de Narbona.

LAFEU Era de facto excelente, senhora; ainda há pouco o rei falou dele com admiração... e com pesar; Narbona era sábio bastante para viver ainda se o saber se pudesse opor à morte. 30

BELTRÃO De que é, meu bom senhor, que o rei sofre?

LAFEU De uma fístula, meu senhor.

BELTRÃO Nunca ouvi falar disso.

LAFEU Quem me dera que não fosse tão notória. Essa jovem dama era a filha de Gerardo de Narbona?

CONDESSA A sua única filha, meu senhor, e confiada ao meu cuidado. Tenho esperança no bem que a educação lhe promete. É herdeira das qualidades naturais que tornam os seus bons méritos ainda melhores; pois onde um mau carácter é portador de boas capacidades, aí os louvores se confundem com censura; são virtudes e traidores ao mesmo tempo. Nela são ainda melhores pela sua singeleza; ela é herdeira da honestidade e adquire bondade por esforço próprio. 40

- LAFEU Os vossos louvores, senhora, fazem nela brotar lágrimas.
- CONDESSA Essa é a melhor salmoura em que uma donzela pode curtir os encómios que lhe são feitos. Nunca a lembrança do pai lhe chega ao coração sem que a tirania da dor lhe retire toda a vivacidade das faces. Basta, Helena, vamos, acabou-se! Para que não se pense que a vossa dor é mais afectação do que sentimento... 50
- HELENA A minha dor é do afecto, mas também do sentimento.
- LAFEU A lamentação moderada é um direito dos mortos; a dor em excesso é inimiga dos vivos.
- CONDESSA Se os vivos são inimigos da dor, o excesso desta depressa a torna mortal.
- BELTRÃO Senhora, dai-me a vossa bênção.
- LAFEU Como se há-de entender isto?
- CONDESSA Deus te abençoe, Beltrão; sucede a teu pai  
Em modos e forma; teu sangue e virtude 60  
Disputem em ti a primazia, e tua bondade  
Se alie ao nascimento. Ama todos, confia em poucos,  
Não ofendas ninguém. Ganha ao teu inimigo  
Mais em poder que proveito e guarda teu amigo  
Como a própria vida. Censurem-te por silêncio,  
Nunca por falares. O que o céu mais quer  
Te bafeje e o que as minhas preces consigam  
Te caia sobre a cabeça! Adeus! Meu senhor,  
É um cortesão imaturo; meu bom senhor,  
Aconselhai-o.
- LAFEU Não lhe faltará o melhor 70  
A que o seu amor der direito.

CONDESSA

Que o céu o abençoe! Adeus, Beltrão.

*[Sai a Condessa]*

BELTRÃO Sejam vossos servos os melhores desejos que o vosso pensamento forjar possa!  
*[A Helena]* Servi de conforto a minha mãe, vossa senhora, e cuidai bem dela.

LAFEU Adeus, bela senhora; tendes de manter a fama de vosso pai.

*[Saem Beltrão e Lafeu]*

HELENA Oh, se isso fosse tudo! Não penso no meu pai,  
E estas lágrimas exaltam mais sua memória  
Do que as que verti por ele. Como era ele? 80  
Esqueci-o; não tenho no pensamento  
Outro rosto a não ser o de Beltrão.  
Estou perdida; não há viver, qualquer viver,  
Se Beltrão está longe; isso seria o mesmo  
Que eu amar um qualquer astro brilhante  
E pensar em desposá-lo. Está tão alto!  
No seu brilho radiante e luz colateral  
Tenho de achar conforto, não na sua esfera.  
A ambição do meu amor a si mesma se infecta:  
A corça que aspira a acasalar com o leão 90  
Tem de morrer de amor. Seria lindo, mas doentio,  
Vê-lo a toda a hora; sentar-me a desenhar-lhe  
Sobrancelhas em arco, olhos de falcão, e os cabelos,  
Na mesa do nosso coração — coração senhor  
De cada linha e detalhe do seu amado rosto.  
Mas foi-se embora, e a minha fantasia idólatra  
Há-de santificar as suas relíquias. Quem é?

*Entra Parolles*

Alguém que vai com ele; por causa dele o amo,  
Contudo, tenho-o por mentiroso infame,

Acho-o um grande parvo, cobarde de todo. 100  
Porém, esses males firmados ficam-lhe bem  
E são aceites, enquanto os ossos de aço da virtude  
Gelam ao vento frio; aliás, vê-se muito  
Frio juízo servir loucura ostentosa.

PAROLLES Salve, bela rainha!

HELENA Salve, monarca!

PAROLLES Não.

HELENA E também não.

PAROLLES Estais a meditar sobre a virgindade?

HELENA Pois. Tendes em vós alguns laivos de soldado; deixai-me 110  
fazer-vos uma pergunta. O homem é inimigo da virgin-  
dade; como podemos barricá-la contra ele?

PAROLLES Mantendo-o fora.

HELENA Mas ele ataca; e a nossa virgindade, embora valente, é,  
contudo, fraca a defender-se. Revelai-nos alguma resis-  
tência guerreira.

PAROLLES Não há nenhuma. O homem, ao fazer-vos o cerco, mina-  
-vos e enche-vos até rebentardes.

HELENA Deus defenda a nossa pobre virgindade de mineiros e  
rebetadores! Não há estratégia militar sobre a forma de 120  
as virgens fazerem os homens rebentar?

PAROLLES Ao deitar abaixo a virgindade, o homem há-de ir ao ar  
mais depressa; é verdade, ao fazê-lo baixar de novo,  
com a brecha que vós próprias fizestes, perdeis a vossa  
cidadela. Não é boa política na comunidade da natureza